Proletários de todos os países, uní-vos!

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

RELEVANTE ACONTECIMENTO POLÍTICO

No Norte do país, há três meses, desenvolve-se corajosa resistência armada à ditadura. Esta resistência conta com o apoio crescente dos camponêses e da população da região e exerce cada dia maior influência entre o povo brasileiro. Transforma-se num acontecimento político de inegável projeção.

Não obstante, o governo Garrastazu Médici proibe a divulgação de qualquer notícia à respeito. A 12 de junho, o Ministério da Justiça renovou em memorando à imprensa a determinação de não consetir a publicação de "notícias sôbre operações militares em curso na região amazônica". De outra parte, a ditadura mobiliza forças para tentar esmagar ou, pelo menos, isolar os grupos armados que operam nas selvas. Mas os fatos falam por sí mesmos. A nação deles vem tomando conhecimento e acabará sabendo a razão pela qual lutam os guerrilheiros de São João e de Conceição do Araguaia.

É impossivel esconder ou silenciar indefinidamente o que uma nota da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, de princípios de junho, tornou mais que evidente. Diz esta nota que um padre e uma freira foram brutalmente espancados e maltratados na localidade de Palestina porque um oficial os julgou parecidos com um chefe guerrilheiro de nome Paulo Rodrigues e uma moça conhecida por Tonica. O próprio Bispo de Marabá, Dom Estavão, e frei Gil, daquela Prelazia, ficaram vários dias detidos na Transamazônica pelas forças do Exército. As desculpas apresentadas pelos militares para justificar suas violências foram ridículas ("nervosismo" por estarem embrenhados nas matas em busca infrutífera de guerrilheiros), mas confirmam cabalmente a natureza real da vasta operação militar em curso naquela região desde princípios de abril.

Sabe-se que numerosos contingentes militares estão concentrados no norte de Goiás, oeste do Maranhão e sul do Pará. Muitas cidades desta área estão sob controle das Forças Armadas. Na Belem-Brasília, desde Anápolis à capital paraense, num percurso de 2.000 quilômetros, as pessoas que por alí transitam são seguidamente abordadas por destacamentos militares que as identificam, interrogam e revistam. Prisões e tropelias contra os camponêses se sucedem. Há pouco foi detido nas vizinhanças da área de operações o conhecido lider camponês de Goiás José Porfírio que, desde abril de 1964, saira de sua região de Trombas-Formoso em virtude de perseguições mevidas pelos generais fascistas. José Porfírio acha-se atualmente preso em Brasília que é o centro coordenador das forças repressivas. Também vem de ser assasinado no Maranhão,

(Continua na 2ª página)

Neste Número:

Nº 66 Julho de 1972 Ano IX

Relevante Acontecimento Político (Continuação da 1ª página)

em conseqüência da onda de violências que alí tem lugar, depois das ocorrências de São João do Araguaia, o lider camponês maranhense, Manoel da Conceição, um dos dirigentes do movimento de resistência ocorrido em Pindaré, naquele Estado, em 1970.

Todos estes fatos repercutem, inquietam, sensibilizam e despertam as massas populares e diferentes correntes políticas. Além disto, o aumento das arbitrariedades dos militares na região afeta os interêsses de importantes setores sociais, sobretudo dos camponeses, e cria sérios empecilhos à vida econômica dos Estados do Maranhão, Goiás e Pará. Torna-se, assim, cada vez mais difícil para o governo continuar ocultando que há luta armada no sul do Pará. E na medida em que o tempo passar e novos choques armados se sucederem mais difícil ainda será encobrir a verdade.

A deflagação de um conflito armado no interior não constitui surpresa para os que observavam corretamente o processo de agravamento das contradições sociais e políticas provocado pela ditadura militar. Era inevitável que isso sucedesse devido às condições de miséria e opressão em que vive o campesinato e as massas populares. Desde 1964, quando os militares tentaram fechar todas as vias da luta de massas, ficara evidente que não restava outro caminho senão o da luta armada para opor efetiva resistência à ditadura. O desejo de recorrer às armas vem sendo, desde muito, ardentemente manifestado por consideráveis setores do povo, especialmente da juventude. Várias tentativas haviam sido realizadas. Não vingaram pela falta de uma justa compreensão da realidade brasileira e de uma orientação correta como também por inesperiência. Agora, porém, a luta armada já se prolonga por tres meses, encontra ressonância sempre maior e é acontecimento político relevante. Isto representa um grande êxito da oposição popular, indiscutível vitória das forças democráticas e patrióticas. Os camponeses e os patriotas que tomaram das armas no sul do Pará e travam combates com as tropas da ditadura exprimem os sentimentos de revolta de milhões de brasileiros contra o regime fascista instaurado com o golpe de 1º de abril, encarnam as aspirações de liberdade e independência da grande maioria da nação.

É preciso apoiar com decisão os combatentes do Pará, divulgar intensamente sua luta abnegada e prestar-lhes toda a solidariedade. É necessário protestar contra as violências praticadas pela ditadura contra os moradores da região, exigir a liberdade dos presos. A luta guerrilheira no sul paraense é parte da luta geral do povo brasileiro pela conquista da liberdade e da independência.

A DITADURA PROMOVE O ANALFABETISMO

(Do Correspondente) - A reforma do ensino trombeteada pelos meios oficiais, embora apenas comece a ser implantada, está dando seus amargos frutos. Na região de Três Passos, Rio Grande do Sul, abrangendo doze municípios, 25 escolas primárias rurais, com a média de 100 alunos cada uma, foram fechadas. Duzentos professores, que lecionavam na condição de contratados, tiveram seus contratos de trabalhos rescindidos. Além de ficarem sem emprego, foram postos na rua sem idenização alguma, embora muitos contassem mais de 15 anos de trabalho. Nem sequer as férias a que tinham direito lhes foram pagas. As escolas ainda em funcionamento encontram-se em condições precárias, com insuficiente número de professores. Grupos escolares com cêrca de 300 alunos dispõem de apenas um professor.

Pais de alunos constituiram-se em comissão e foram à Diretoria Regional de Educação reclamar e pedir providências. Voltaram revoltados, pois o referido órgão governamental recusou-se a assumir qualquer compromisso de sanar ou mesmo amenizar a situação, como se o assunto não fosse de sua competência.

Esta situação do ensino a todos preocupa. Emissoras de rádio e jornais locais manifestam sua preocupação pela situação alarmante em que se encontra a educação primária nesta região do Alto Uruguai. Contudo, o problema, longe de ser solucionado, agrava-se.

COMENTÁRIO NACIONAL

O MODELO

Finalmente, Garrastazu Médici deu-se ao trabalho de exclarecer que o "modelo político" da "revolução" é esse mesmo que aí está. Na sua verborréia televisionada de 3 de julho, na inauguração do Ministério da Justiça, considerou-se "vinculado ao regime jurídico" vigente, cuja alteração não pode admitir. Esse regime é o do Ato Institucional nº 5 e o da Constituição de 1967 reformada pela Junta Militar, isto é, o regime de arbítrio, violência e poder absoluto dos generais fascistas, dos quais ele é, no momento, o porta vóz. Foi a pá de cal nas ilusões das pessoas ingênuas que eventualmente acreditaram na promessa feita pelo ditador, quando foi nomeado, em 1969, de "restabelecer a democracia" até o fim do seu mandato.

Os generais fascistas temem largar o cabo do chicote. Sabem que a "ordem", a "tranquilidade" e a "paz", que apregoam terem trazido ao país, são uma ficção. Baseiam-se na opressão generalizada e na repressão mais brutal e sanguinária que o Brasil jamais conheceu. Lenta e surdamente estende-se por toda parte uma gravíssima crise social. O Brasil é uma caldeira de descontentamentos reprimidos prestes a explodir.

Por outro lado, a ditadura militar enfrenta a antevéspera da época marcada para o fim do mandato de Médici. O conjunto dos interêsses de classe, de grupo e pessoais, cristalizado em torno do governo, tem agora um só objetivo: continuar. Ou através da prorrogação do mandato ou pela indicação do sucessor. Para isto, precisa concentrar ainda mais em suas mãos todos os cordéis do poder discricionário. O governo espera, com a política que vem seguindo, de violência combinada com a propaganda mentirosa e demagógica, resolver a seu favor o problema sucessório. Mas estas esperanças não têm fundamentos sólidos.

Quando figuras como Filinto Muller, Etelvino Lins, João Agripino ou Gilberto Freire ensaiam debater e sugerir um "modelo político brasileiro", não estão de modo algum preocupados com as liberdades democráticas, os direitos dos cidadãos, e a presença popular no encaminhamento dos destinos do país. Aspiram apenas institucionalizar um sistema que, sem prejuizo da vigilante tutela militar, estabeleça regras mais ou menos fixas, em lugar do arbítrio em vigor, para a participação dos diversos grupos das classes dominantes no Poder. Querem que se criem algumas válvulas de escape que aliviem certas pressões antes que se tornem perigosas, inclusive - e principalmente - as resultantes de conflitos entre os próprios militares. Receiam, com razão, que a transferência, permanente e acintosa, de todas as decisões políticas para um reduzido grupo de generais não só desgaste a imagem das Forças Armadas, guardiãs supremas do regime, como transfira para estas as divisões inevitáveis nos partidos políticos. Por isto alertam que a hora oportuna para a adoção de um "modelo político" é agora; mais adiante pode ser tarde demais. Receiam, certamente, os efeitos da disputa sucessória entre os militares.

O fracasso das tentativas de estabelecer o modelo que atenda aos interêsses mais gerais e permanentes das classes dominantes revelam o impasse a que chegaram estas classes. A maioria dos seus representantes acha que a única política viável, hoje, é ser governista. Agrupam-se na ARENA e conduzem-se com uma subserviência escandalosa, na esperança de puxarem alguma brasa para seus assados. Em troca, só recebem ponta-pés do governo. Até a possibilidade de jogarem seu próprio jogo, com certa liberdade de ação, na disputa, por exemplo, dos governos estaduais, lhes foi tirada.

Entre os militares, é visível também a inquietação. Alguns deles partilham das preocupações dos políticos civís. E aparece um general pronunciando-se publicamente pelo retorno dos militares aos quartéis, com a entrega da política aos políticos e da tarefa suja da repressão à polícia. Outro general manifesta-se contrário a qualquer prorrogação de mandatos, "no âmbito municipal, estadual ou federal" (e é prontamente afastado do comando). Uma turma da Escola Superior de Guerra resolve elaborar um trabalho em favor de certa liberdade de imprensa e o remete aos jornais. As comemorações dos "18 do Forte" servem de pretexto para o reaparecimento de Eduardo Gomes, que adota a postura de velho liberal, com o aplauso de oficiais da Aeronáutica e a ostensiva ausência do governo. Parece que alguns militares que apoiaram o AI-5, esperando poder usá-lo para os seus próprios fins, começam a perceber que o chicote só é cômodo para os que o seguram pelo cabo. Os excluídos acabam levando-o pelas costas.

Solidariedade ao Vietnã

Panorama

Internacional

As chamas da luta de libertação nacional e pela reunificação do país continuam ardendo no Vietnã. Mais de dois mêses já transcorreram desde a decisão de Nixon de bloquear os portos e atacar as linhas de comunicação do norte deste país. Ao contrário do que esperavam os agressores, o povo vietnamita uniu-se ainda mais. Revolucionários do sul e do norte combatem lado a lado, pois são irmãos da mesma raça, filhos da mesma pátria, compatriótas em busca do mesmo objetivo na guerra justa contra o invasor. Hoje, em numerosas fortalezas que, sob a ocupação das tropas de Washington, representavam a humilhação, tremulam a bandeira do Governo Revolucionário Provisório do Vietnã do Sul, simbolisando a liberdade e o orgulho nacional.

A ofensiva vietnamita está fazendo esboroar o plano de "vietnamização", tão decantado por Nixon. Ao retirar parte das tropas, principalmente de infantaria, do palco d luta o presidente dos EEUU pretende acima de tudo reduzir a contestação em seu país. Mas as notícias não conseguem esconder que, enquanto saem os infantes - mais expostos a morrer - entra um número equivalente de marinheiros e pilotos de aviões de guerra. Novas esquadrilhas reforçam, diariamente, o poder de fogo dos agressores ianques. Novos barcos de guerra juntam-se à VII Frota. Onde, portanto, está a vietnamização? A única coisa que o gangster da Casa Branca conseguiu, tentando enganar a opinião pública norte-americana e mundial com a pretensa vietnamização, foi transformar os soldados do governo títere de Saigon na principal bucha de canhão em defesa dos interesses imperialistas de Washington.

Forjado nas batalhas, confiante na justeza de sua causa, o povo vietnamita vem respondendo com espírito combativo ainda maior aos chamados de "paz" lançados pelo representante dos monopólios estadunidenses. Assim age porque sabe que a verdadeira paz só existirá quando os agressores forem expulsos definitivamente do país. Os vietnamitas seguirão seu caminho de lutas e de vitórias, rechassando imposições de quem quer que seja, mesmo que estas partam das chamadas grandes potências. Saberão distinguir entre os verdadeiros e os falsos amigos, entre os que ajudam como um dever imposto pelo internacionalismo proletário e os que fazem antevendo o momento de dar vazão aos seus interesses social-imperialistas.

Apesar dos crimes que ainde venham a praticar, os imperialistas ianques não conseguirão escapar da derrota. Poderão persistir no genocídio que praticam na Indochina mas não poderão impedir a vitória final de um povo que faz uma guerra justa, patriótica.

Os revolucionários brasileiros vêem com otimismo o desenrolar da luta no Vietnã. Irmanam-se com lutadores tão corajosos que impõem derrotas arrazadoras ao agressor arrogante e todo-poderoso. Têm neles um grande exemplo. O povo brasileiro cada dia se compenetra mais da necessidade de se lançar à luta para derrubar a ditadura e expulsar os imperialistas norte-americanos. Esta luta é, ao mesmo tempo, a melhor solidariedade que pode prestar aos valentes povos indochineses.

O MODELO - (Continuação da 3ª página)

Seja qual for o desenvolvimento e o desenlace dessa situação, cujo problema central é o da sucessão, começa para o governo um período de novas dificuldades na própria área "revolucionária". O governo pretende atravessá-lo enfeixando ainda mais em suas mãos todos os poderes. O mais provável é que isso apenas o conduza a um isolamento político ainda maior.

Cabe às forças populares acompanhar atentamente o processo em curso e continuar na luta pela unificação de todos os setores interessados na derrubada da ditadura militar, na conquista das liberdades democráticas e da verdadeira independência nacional. É dever de todos os patriótas e democratas prosseguir no combate sem tréguas aos inimigos do povo.

O PARTIDO-NECESSIDADE HISTÓRICA

Pedro POMAR

Ao completar o 50º aniversário de sua fundação e o 10º de sua reorganização, o Partido Comunista do Brasil publicou um balanço crítico e autocrítico da trajetória que percorreu - "Cinq"uenta Anos de Lutas". Trata-se de uma importante contribuição à luta emancipadora da classe operária e do povo brasileiro.

O resumo abreviado das grandes lutas dos comunistas, desde 1922, a generalização das experiências fundamentais de todo esse período, bem como a caracterização do papel desempenhado pelas figuras destacadas do movimento comunista em nosso país, vinham sendo insistentemente reclamados como nóvas armas para reforçar a educação dos comunistas, especialmente dos jóvens, e salientar a significação do PC do Brasil no curso do movimento revolucionário brasileiro e em seu futuro. Nos últimos anos, sobretudo na fase mais intensa do combate ao liquidacionismo revisionista de direita e de "esquerda", se colocaram na ordem do dia e ganharam força questões teóricas e políticas de relevo, entre as quais a questão da existência do Partido, de sua necessidade histórica, de suas perspectivas revolucionárias. A emprêsa para dilucidar estes problemas não era fácil, requeria tempo, condições de estudo, pesquisas e debates, um clima arejado e não os de uma dura clandestinidade cono a atual. Exigia simultaneamente maior amadurecimento teórico, ampla visão histórica e aguda percepção política. Sobrepondo-se a estas dificuldades e limitações, o Comitê Central do PC do Brasil atendeu a esses reclamos e realizou um trabalho valioso que certamente ajudará a formar os novos e a reeducar os velhos militantes proletários, a corrigir antigos e persistentes êrros, em suma, a instruir politicamente as massas, dando-lhes também a oportunidade de mais uma vez medir o grau de seriedade com que o Partido vem encarando sua árdua mas gloriosa tarefa de dirigir a revolução.

No Brasil, ao examinar a realidade, deve se ter em conta que a tradição das organizações políticas populares praticamente não existiu ou foi muito fraca. As forças reacionárias ergueram e erguem contra elas obstáculos de toda ordem e continuam a mover-lhes perseguição feroz. Por isso, seus vínculos materiais e sua força de coesão sempre foram bastente débeis. Faltava-lhes, antes de tudo, uma teoria acertada, uma base ideolgica que lhes desse solidez e estabilidade. Dessa forma, a certas pessoas parece inusitado, ou artificial, ou mesmo obra de forças estranhas, o fato de um partido político que jamais ocultou seus objetivos revolucionários, sua natureza de classe, sua teoria marxista-leninista, e sua fidelidade ao internacionalismo proletário, tenha não apenas sobrevivido durante meio século como também se tornado um partido nacional, de massa, o mais autêntico dos que já existiram em nosso país. Esta, porém, é uma realidade viva, indiscutível. Em sí mesma, dá a idéia da magnitude do empreendimento e da força das aspirações revolucionárias do proletariado brasileiro. Doutro modo, não se pode compreender como o Partido tenha suportado tão duras perseguições e subsistido. E mesmo os que viveram mais de perto e lutaram longamente para que vingasse essa organização, tem dificuldades de relatar as vicissitudes atravessadas e os entraves vencidos para mantêla e fazêla progredir. Em consequência, nunca é demais relembrar a saga de heroismo e sacrifícios de todos os que lutaram para que a chama da revolução e do socialismo sustentada pelo PC do Brasil, iluminasse sem cessar a marcha de nosso povo.

Cinquenta anos são, sem dúvida, mais que suficientes para avaliar a significação de uma corrente política e o destino que lhe está reservado. Atuando num periodo tão largo e dos mais agitados e fecundos da história do país e do mundo. A prática do PC do Brasil não podia deixar de oferecer lições riquissímas que permitem julgar se sua existência foi ou não uma necessidade imperativa das condições concretas brasileiras e do movimento operário. É clara que tal julgamento não deve provir da própria vontade do Partido nem exprimir qualquer espírito de vanglória. Um partido político só se revela historicamente necessário quando está fadado, pelas condições objetivas, por interesses reais, por seu programa, sua conduta e sua direção, a tomar o poder e a edificar um novo regime político e social. No momento em que se escrevr a história completa do PC do Brasil melhor se comprovará que sua existência obdeceu à lógica férrea da evolução social brasileira, tornou-se parte integrante, inseparável da história do proletariado e do povo brasileiro.

Nesses cinquenta anos, o PC do Brasil, além de expressar politicamente a presença da classe operária na vida do país, foi o principal artífice de importantes acontecimentos. Promoveu grandes movimentos e campanhas políticas e chegou a dirigir a insurreição nacio-

(Continua)

O Partido - Necessidade Histórica (Continuação)

nal-libertadora de 1935. Tais sucessos tiveram enorme ressonância, elevaram o nível da consciência antiimperialista e democrática das massas populares e contribuiram para desmascarar o caráter reacionário e traidor das classes dominantes. Apesar dos revezes e dos erros, foi e continua a ser a constante na atividade do PC do Brasil, a luta para concretizar a revolução agrária e antiimperialista, democrática e nacional, a única capaz de livrar o país da dependência ao imperialismo, assegurar a liberdade para as grandes massas exploradas e oprimidas e abrir a via para a construção da sociedade socialista no Brasil. Em torno desta questão e do caminho para resolvê-la é que dividiu-se o velho Partido, que se deu a ruptura com os revisionistas de Prestes e se trava, hoje, a luta contra todas as formas de oportunismo, tanto fora quanto dentro do Partido. Ao expurgar os revisionistas, em 1962, e renovar-se, pode o PC do Brasil erguer com mais clareza e mais decisão a bandeira da revolução libertadora e democrática, convertendo-se no Partido da esperança do povo brasileiro e tornando-se merecedor do justo apreço entre os destacamentos marxistas-leninistas do movimento proletário internacional. A necessidade de um partido marxista-leninista, verdadeiramente proletário e revolucionário se impõe ainda mais em nossa época, conforme assinala o documento "Cinquenta Anos de Lutas", porque a vida provou que só ele pode levar a causa do povo ao triunfo. Tanto a burguesia nacional como a pequena burguesia fracassaram em conduzir a bom termo o processo revolucionário. Vacilantes e inconsequentes, eles não foram capazes sequer de criar organizações políticas algo estáveis e fortes. Ao paço que o proletariado compreende cada vez mais que se tornará invencível na medida em que soubervincular sua ideologia revolucionária com os laços materiais da organização. Lenin ensinou que na luta pelo poder e para emancipar-se de toda a exploração e opressão o proletariado só tem uma arma: a organização, isto é, o partido. O grande mestre revolucionário mostrou que só os que necessitam do socialismo e se dedicam de corpo e alma à sua vitória possuem espírito de partido, lutam para fortalecer o partido.

No transcurso de cinqüenta anos, vários fatores objetivos e subjetivos de ordem nacional e internacional influiram igualmente para a existência do PC do Brasil. Basta recordar a influência da Revolução de Outubro e a ajuda da Internacional Comunista, bem como, mais recentemente, a solidariedade das forças marxistas-leninistas ao nosso Partido. Nunca estivemos isolados da luta revolucionária da classe operária e dos povos do mundo inteiro. Por ela sempre fomos grandemente beneficiados. Num determinado momento da polêmica pública entre os marxistas-leninistas e os revisionistas contemporâneos o PC do Brasil foi posto em causa. O renegado Kruschov, então à frente do PCUS, acusou os principais dirigentes do nosso Partido de divisionistas. Na defesa de nossos camaradas, levantaram-se o PC da China e o Partido do Trabalho da Albânia e outras forças marxistas-leninistas saudando sua luta pela reorganização do PC do Brasil.

Essa polêmica comprovou, mais uma vez, que a existência de um partido político se relaciona com a presença de um núcleo dirigente, elemento principal entre os que confluem obrigatoriamente para a constituição desse partido. O PC do Brasil teve a vantagem de contar com um núcleo de camaradas de certa experiência política e organizativa, dispostos a enfrentar a missão de construir um verdadeiro estado-maior revolucionário do proletariado. Unido em torno dos princípios marxistas-leninistas e da luta para aplicá-los criadoramente à realidade brasileira, esse núcleo vem se consolidando, ampliando-se com quadros jovens, e se esforçando tenazmente para que o Partido preserve e desenvolva suas tradições combativas. Todos os inimigos compreenderam que a existência desse núcleo dirigente era uma premissa essencial para tornar o PC do Brasil apto a cumprir sua grandiosa tarefa revolucionária. Atacarm-no furiosamente e continuam empenhados em eliminar esse núcleo por todos os meios ao seu alcance. Não obstante, assim agindo, eles ajudam a demonstrar a importância decisiva de o PC do Brasil possuir uma direção que guarda a continuidade da luta revolucionária e procura colocar-se, teórica e politicamente à altura de suas responsabilidades históricas.

O Partido Comunista do Brasil tem um destino glorioso. Pertencer a suas fileiras é motivo de honra e de legítimo orgulho revolucionário. Defendê-lo e fortalecê-lo é o mais elementar dos deveres de todos os comunistas.

EMINENTE REVOLUCIONÁRIO PROLETARIO

Dezoito de junho e vinte e cinto de julho são datas que recordam George Dimitrov. A primeira assinala, este ano, a passagem do seu 90º aniversário de nascimento e a segunda o 37º da realização do VII Congresso da Internacional Comunista, do qual foi ele uma das principais figuras. A vida desse notável revolucionário é exemplo de perseverança e de firmeza proletária. Sua conduta altiva perante os tribunais da reação e as idéias que defendeu na luta contra o fascismo e a guerra guardam plena atualidade e inspiram as forças progressistas e democráticas de todo o mundo.

George Dimitrov dedicou inteiramente sua vida e sua vulgurante inteligência à causa da emancipação dos trabalhadores. Desde jóvem, ingressou nas fileiras comunistas e nelas lutou até os seus últimos dias. "O conteúdo de minha vida - disse ele - é a luta pela ditadura do proletariado, pela vitória do comunismo". Organizador e dirigente político invulgar, tomou parte ativa em greves e manifestações de protesto, combateu nas ruas e na tribuna parlamentar. Em setembro de 1923, chefiou a insurreição popular na Bulgária, sufocada brutalmente pela reação. Lidador incansável e inconformado, sofreu toda sorte de perseguição, contra ele foi lavrada setença de morte por duas vezes. Nada, porém, abateu sua convicção revolucionária e seu espírito de rebeldia. Foi membro destacado do Comitê Central do Partido Comunista da Bulgária, ocupou o elevado posto de secretário geral da IC e, com a libertação de sua pátria, formou e dirigiu o primeiro governo socialista búlgaro.

Fato marcante na sua atuação revolucionária, que o tornou conhecido e admirado em todo o mundo foi sua conduta exemplar diante do tribunal nazista. Em 1933, Hitler e seus asseclas incendiaram o edifício do Reichstag e atribuiram a autoria do crime dos comunistas. Prenderam Dimitrov que então se encontrava em Berlim. Com grande alarde, encenaram uma provocação política de vasto alcance. Hitler buscava pretestos para desencadear feroz repressão contra os trabalhadores e consolidar a implantação do fascismo na Alemanha. Encerrado durante vários meses num cubículo, sem contato com o mundo exterior, Dimitrov preparou sua defesa. Compreendia que o incêndio era parte de um complô visando a desacreditar os comunistas e a golpear a União Soviética. Levado às barras do Tribunal passou de acusado a acusador. Não se deixou abater nem confundir por seus detratores. "Sou comunista, dirigente e responsável. De bom grado - declarou - responderei integralmente por todos os atos, decisões e documentos de meu partido e da Internacional Comunista. Mas é precisamente por essa razão que não sou um aventureiro terrorista, um putchista, um incendiário". Cara a cara com Goering, Goebels e outros dirigentes hitleristas, convocados como testemunhas, Dimitrov desmascarou a farsa do incêndio e demonstrou serem os nazistas serem os verdadeiros autores da sinistra façanha. Em nenhum momento vacilou ou procurou preservar a sua pessoa. Defendia uma causa, a causa dos explorados, e uma orientação correta. "É certo que sou favorável à revolução proletária e à ditadura do proletariado. Estou firmemente convencido de que esse é a única saída, o único meio de salvação contra a crise econômica e a catástrofe guerreira do capitalismo". Dimitrov mostrava, porém, que os comunistas não chegariam ao poder através de atos heróicos, isolados das massas, de ações puramente individuais. São partidários da luta de classes e concebem a revolução como um processo objetivo, conscientemente dirigido pelo Partido. Os argumentos sustentados pelos nazistas ruiram um a um. Dimitrov, com sua defesa magistral, não deixou pedra sôbre pedra da trama monstruosa. Apoiado por um amplo movimento de solidariedade mundial e cercado pelo respeito e a admiração de todos os democratas e antifascistas, transformou o processo numa ata de acusação do regime sanguinário que se implantara na Alemanha. Os acusadores viram-se isolados e desmascarados. Não tiveram outro recurso senão absolver o grande revolucionário proletário que tivera a coragem de enfrentar a fera no seu próprio covil. Sua atitude intrépida despertou milhões de pessoas para o combate ao nazi-fascismo e atraiu numerosos adeptos para o comunismo.

Dimitrov sobressai também como marxista-leninista e político de larga visão, na grande assembléia do VII Congresso da IC, de tão profunda significação histórica. Vivia-se, naquela época, uma grave conjuntura. O fascismo subira o poder na Alemanha e se preparava para desencadear a Segunda Grande Guerra. Hitler pugnava abertamente pela revisão das fron

(Continua)

Eminente Revolucionário Proletário (Continuação)

teiras européias, reclamava a anexação da Austria e de territórios da Tchecoeslováquia e Polônia. Seus planos de Grande Alemanha orientavam-se fundamentalmente contra a União Soviética que construia o socialismo e era o principal baluarte da revolução mundial. Através de intensa propaganda e de ações terroristas Hitler e seus sequazes procuravam fazer crer que o fascismo era invencível e estava destinado a prevalecer por alguns milênios. As forças reacionárias em toda parte alimentavam essa propaganda, estimulavam e organizavam bandos de contrarevolucionários. O fascismo se alastrava. Onde aparecia, agredia os trabalhadores e as massas populares e, se chegava ao governo, implantava feroz ditadura. Os povos de todo o mundo estavam diante de uma séria ameaça: a guerra e a dominação fascista. Impunha-se a elaboração de uma política capaz de sobrestar o perigo que o fascismo representava.

Precisamente o VI Congresso da IC chamou a sí esta tarefa. Incumbido de abrir a discussão, Dimitrov, tendo por base as idéias de Stalin e de outros revolucionários, defendeu com grande força e personalidade a política de frente única antifascista. Demonstrou que o hitlerismo constituía a brigada-de-choque do capital financeiro mais reacionário que tentava, em toda parte, esmagar o movimento operário, liquidar as liberdades democráticas e impor um sistema de governo fundado no terror. O fascismo é a guerra, disse ele. Hitler quer estabelecer a dominação no mundo, submeter a Europa e outros continentes à voracidade dos trustes e monopólios germânicos. Era preciso conter e derrotar o fascismo.

O ponto de partida na realização desta tarefa, segundo Dimitrov, teria que ser a unidade. O fascismo triunfava onde a classe operária estava dividida, onde as forças democráticas atuavam sem coordenação e objetivos comuns. Torna-se premente unir os trabalhadores das cidades e do campo, os jóvens, as mulheres, os povos oprimidos. Os comunistas deviam marchar ombro a ombro com os partidos e organizações de caráter popular, mesmo contrários ao socialismo. Fazia-se necessário estabelecer a frente única contra o fascismo, defender as liberdades democráticas, a paz, a independência dos povos. Seria grave erro permanecer indiferente ao ataque do fascismo às liberdades democrático-burguêsas. Estas, ainda que limitadas, já não convinham aos interesses dos grandes capitalistas reacionários. Só poderiam ser preservadas pela luta das massas. Dimitrov ia mais longe ainda. Se surgisse condições propícias, os comunistas deviam apoiar a formação de governos baseados na coligação antifascista. Eram posições arrojadas, as que propugnava o secretário geral da IC. Mas elas correspondiam plenamente à situação, permitiam isolar os social-democrátas de direita e aproveitar as contradições no campo do inimigo. Em essência, era uma política revolucionária, que a vida comprovou inteiramente. Os comunistas deviam tomar a iniciativa, dirigir o processo de unidade e de luta antifascistas, romper, em toda a linha, com o sectarismo.

A orientação traçada no VII Congresso representou uma virada no movimento comunista e democrático mundial. Desenvolveram-se poderosos movimentos de frente única. Na Espanha constituiu-se a frente popular, da qual faziam parte não só as organizações de esquerda, como também os republicanos, os sindicatos e outras organizações de massa. Esta frente dirigiu durante tres anos a heróica resistência da República Espanhola contra a agressão fascista, dificultando enormemente a realização dos planos de Hitler e Mussoline. Na França, formou-se igualmente uma ampla frente popular que chegou a conquistar o governo por certo período. A frente única antiimperialista na China, apresentada como modelo no VII Congresso, ganhou maior impulso e, sob a liderança do PC da China, alcançou a vitória. No Brasil, a Aliança Nacional Libertadora, que se estruturava numa base correta, dirigiu a insurreição de novembro de 1935. Graças à justa política traçada no VII Congresso foi possivel derrotar o fascismo, isolar os anticomunistas e atrair importantes setores da classe operária para as posições revolucionárias, A política de frebte única contra o fascismo enriqueceu a experiência do proletariado internacional e abriu amplas perspectivas na luta pela paz, a democracia e o socialismo.

A vida e a fecunda atividade de Dimitrov, são dignas de estudo. Hoje, quando as forças reacionárias no Brasil se lançam ferozmente contra os patriótas e democrátas e contra todos os revolucionários, a posição de Dimitrov ante o tribunal nazista é justamente recordada. A ditadura militar não pode se manter se não pela violência desenfreada. Tal co

(Continua)

Eminente Revolucionário Proletário (Conclusão)

mo os fascistas, ela quer desmoralizar o movimento revolucionário e abater o moral dos lutadores que lhe caem nas mãos. Procura obter informações e transformar cada preso num delator ou forçá-lo a desertar. Não podendo combater de frebte o movimento revolucionário, pois está isolada do povo, trata de golpeá-lo através dos que traem. A técnica da reação é a mesma de sempre: atemorizar o preso e fazê-lo acreditar que é um criminoso. Mas os revolucionários não são marginais nem bandoleiros. São partidários da revolução e esta é plenamente justificavel. Onde impera a tirania, o atraso e a ignorância, a revolução é um dever sagrado. Portanto, o prisioneiro nada tem de que se retratar ou penitenciar. Criminosos são justamente os que impõem ao país um regime sem lei, uma ditadura antinacional e antipopular. Mesmo sozinho, diante de seus carrascos, o revolucionário representa os anseios do povo. Sua resistência é uma vitória das forças populares. Ainda que sucumba nas garras de seus algozes, sua morte representa uma derrota dos opressores. O verdadeiro revolucionário ama a vida. Nela descobre sempre algo de novo, de grandioso e de belo. Mas ela só tem valor se vivida com dignidade, só tem sentido se persegue nobres ideais. A vida, disse o poeta, é luta rehinda, viver é lutar. Por isso, os revolucionários não temem a morte. Muitos são já os patriótas e democrátas, os revolucionários que passaram pelas masmorras da ditadura. Barbaramente torturados nada revelaram. Diante da Justiça Militar desmascararam a ditadura e denunciaram seus crimes. Muitos outros foram assasinados selvagemente. Portaram-se como heróis, até o último alento. São herdeiros de Dimitrov e de outros valentes revolucionários proletários, são dignos filhos do povo, homens e mulheres, quase todos jóvens, cujos nomes serão sempre lembrados com veneração e respeito.

Grande atualidade tem também as idéias defendidas por Dimitrov no VII Congresso da IC. Embora em vários aspectos a situação seja diferente, hoje, como naquele tempo, os povos se encontram ante um grave perigo. Os Estados Unidos e a União Soviética tentam por todos os meios impor sua dominação imperialista. Pisoteiam a liberdade e a independência de muitas nações e estão empenhados em novas conquistas. Armam-se até os dentes. Tratam de cercar a China, ameaçam a Albânia e agridem os que se levantam contra a opressão ou opõem resistência aos seus planos. Também, hoje, o fascismo levanta a cabêça sob as mais diferentes formas. As liberdades democráticas são preticamente liquidadas. Desenvolve-se o militarismo e implantam-se ditaduras fascistas em muitos países. Os movimentos populares são reprimidos com cruendade inaudita. Revolucionários são assasinados friamente e em massa ou passam por atrozes torturas nos cárceres. Isto demonstra fraqueza e desespero dos inimigos dos povos. Mais do que nunca, é indispensável criar uma força social capaz de derrotar o imperialismo, o social-imperialismo e a reação mundial e de abrir caminho para a conquista da democracia, da independência, do socialismo. Embora a situação internacional apresente uma grande complexidade e um nível desigual de desenvolvimento da luta revolucionária nos diferentes países, as condições para a realização desta tarefa são as mais favoráveis.

No Brasil também é necessário criar um movimento de frente única que abarque amplos setores sociais e correntes políticas. As principais bandeiras deste movimento são a conquista da liberdade e da verdadeira independência e da defesa dos interesses vitais das massas populares. Ele se dirige fundamentalmente contra a ditadura militar e seus sus tentáculos, em particular o imperialismo norte-americano. Objetiva a conquista de um regime efetivamente democrático que assegure condições para tornar realidade as mais sentidas aspirações nacionais.

Os comunistas brasileiros relembram Dimitrov manifestando, como ele, profundo otimismo revolucionário. Ainda que a reação cause terríveis danos e abra clareiras entre os combatentes do povo, sua derrota é inevitável. Ela acumula crescentemente o ódio das grandes massas, transforma-se mais e mais no alvo da indignação popular. Dimitrov tinha razão quando dizia que os comunistas eram como Galileu. "Nós - afirmava o grande dirigente búlgaro - podemos dizer a nós mesmos, agora, com a mesma resolução do velho Galileu: 'E, no entanto, ela se move'. A roda da história não pára... Essa roda, posta em movimento pelo proletariado, não poderá ser detida pelos extermínios, pelos assassínios, nem pelas condenações capitais. Ela se move e se moverá até a vitória final do comunismo".

PC do BRASIL na Luta Contra o Revisionismo

Artigo publicado no jornal "Bandeira Vermelha", órgão Comitê Central do Partido Comunista da Polônia.

O Partido Comunista do Brasil comemora, este ano, o 50º aniversário de sua existência e o 10º aniversário de sua reorganização baseada no marxismo-leninismo. A reconstituição do Partido se deu através do desenvolvimento de acirrada luta interna dos marxistas-leninistas contra os renegados do comunismo, à frente dos quais estava Luis Carlos Prestes. Os marxistas-leninistas brasileiros não se dobraram nem diante da reação e do oportunismo de Prestes, nem diante de seus aliados e patrões, Kruschov e Brezhnev. Travando uma luta de princípios e em defesa do Partido contra o avassalamento do revisionismo contemporâneo, os comunistas tornaram-se legítimos herdeiros das tradições revolucionárias do heróico povo brasileiro.

O PC do Brasil foi o primeiro partido marxista-leninista, entre os partidos dos países capitalistas, a se opor ao revisionismo contenporâneo, não só no terreno ideológico e político, como também a romper orgânicamente com os renegados do comunismo e a reunir em suas fileiras a grande maioria dos militantes de base e dos quadros do Partido.

A atividade dos marxistas-leninistas brasileiros tem uma grande importância para o movimento revolucionário polaco. É um belo exemplo que comprova a justeza das posições dos comunistas poloneses na luta contra os renegados do comunismo, Gomulka e Gierek, bem como na criação do Partido Comunista da Polônia. Os marxistas-leninistas e todo o povo trabalhador polaco saúdam calorosamente, de todo o coração, o PC do Brasil por motivo do 50º aniversário de sua fundação, com base na teoria revolucionária do socialismo, e desejam aos comunistas brasileiros maiores sucessos na luta em prol do povo trabalhador e da vitória da revolução e do socialismo no Brasil e em todo o mundo.

As grandes vitórias dos marxistas-leninistas desse país são para nós, revolucionários poloneses, uma fonte de inspiração na luta pela derrubada da ditadura revisionista e burguêsa na Polônia. Sua atividade ilustra o espírito combativo dos marxistas-leninistas brasileiros e as grandes vitórias alcançadas na luta contra a reação interna e o imperialismo norte-americano, que considera o Brasil zona de dominação colonial.

SOLIDARIEDADE AOS PRESOS POLÍTCOS

Aumenta, diariamente, o número de presos políticos no país. Neste últimos meses, na Guanabara, São Paulo, Fortaleza e outras cidades foram detidas numerosas pessoas. Nas circunvizinhanças da área em que se verificam choque armados, particularmente nos municípios de Marabá, São João do Araguaia e Imperatriz, centenas de prisões foram efetuadas. Como regra geral, todos são submetidos a bárbaras torturas. Mais de uma dezena de patriótas, nesse periodo, foram assasinados pela polícia.

As condições carcerárias são as piores possiveis. Os presos são metidos em celas imundas, vivem amontoados em alojamentos pequenos e inadequados, alimentam-se pessimamente e, com frequência, são punidos por qualquer reclamação que façam. Agora, procurando afastá-los de contato com seus familiares e com os advogados, a ditadura decidiu enviá-los, em grupos, para regiões distantes dos lugares onde foram presos. Esta medida envolve, como já foi denunciado, um plano de massacre dos elementos considerados como radicais e "irrecuperáveis".

A solidariedade aos presos políticos e os protestos contra as arbitrariedades, detenções e maus tratos vem se avolumando. Grande número de diretórios acadêmicos tem denunciado a prisão de estudantes e exigido sua libertação. Com este objetivo, realizaram-se várias greves em diferentes universidades. Na Câmara Federal, um deputado verberou a morte, sob tortura, de um jornalista catarinense. A CNBB pediu respeito aos "direitos daqueles que estão sujeitos a processos penais" e reivindicou a "restauração do habeas corpus." Recentemente em Goiás os bispos tornaram publico um documento, no qual afirmam que "continuam e se agravam as rpisões arbitrárias, semelhantes a sequestros, com desrespeito da lei, atingindo especialmente estudantes, operários e lavradores".

É preciso intensificar a solidariedade aos presos políticos, denunciar as arbitrariedades e a violência da polícia e das Forças Armadas, reclamar tratamento humano e amplo direito de defesa aos presos, exigir, enfim, que se ponha termo à tortura, aos assasinatos e às perseguições políticas de todo gênero.